

O PACAJÁ

JORNAL LITTERARIO, RECREATIVO E NOTICIOSO.

REDACTOR -- JUVITA DUARTE SILVA.

ANNO I.

DOMINGO 22 DE JUNHO DE 1862.

N. 7.

A ANDORINHA PERDIDA.

O lago está gelado. Sua superficie liza como crystal, reflecte as nuvens, e nas bordas desenham-se os troncos nus dos salgueiros a arcada de uma ponte partida, o tecto da choupana miseravel e o longo e gigantesco castello do senhor d'aquellas terras.

O vento norte sopra com furor, e em suas frias rajadas leva por diante os flocos alvos da neve que caho. Na paisagem do inverno pinha-se a morte da natureza.

O campanario do templo, as ameias do castello feudal, a palha das choupanas, os troncos seccos e as pedras estão cobertas d'aquella camada branca resplandescente, como um lençol que se estende até o cemiterio; e aqui e ali deixa ver cruzes bordadas de flocos brancos, e mausoléos, cujas inscrições estão enterradas na neve.

Nenhum objecto mais fere a vista do homem. Tudo é monotonia; tudo é repouso; a vida descança n'esta estação, hiberna-se por mezes, para na primavera reaparecer como nova e bella creação.

Aquelles canteiros ornados de flores: aquelle prado verdejante sobre o qual brincavam as crianças da aldeia, e hoje um sudario de cor uniforme, sobre o qual o passo humano deixa profundas pegadas nas direcções que toma.

Tudo quanto se vira, se admirava, se amára outrora, no estio e no outono, vem a neve sepultar de baixo de sua coberta alvissima.

Semelhante ao somno do poeta, o inverno é um céu cinzento onde nem nuvens fantasticas, nem rubor da aurora, nem estrellas escrevem lyras de armoniosa eloquencia.

Dorme a natureza inteira sob aquelle céu escuro: agasalha-se tiritando sob o vasto e branco lençol da neve, e nada a perturba senão as vozerias do vento hyperborico trazidas através dos montes Scandinavico, assobiando por entre os tumulos antigos de disforme estrutura dos Hunos e dos Slavos.

Tialie, Wladimir, Hilda e Scandia em suas tenebrosas e magnificas meditações tinham aquella linguagem. Nascidos entre os vastos pinheiraes ou nas profundas grutas de Koclen, sua voz rouca e varonil, quando mandavam os elementos e conjuravam as musas Finlandicas, eram semelhantes aos mugidos tremendos do redemoinho do Malmstrom.

Os seus poemas de guerra e os seus cantos de nostalgia são magnificos; as borrascas do norte, os gritos do ciber, as vszerias dos pinheiros aguçados, e o mugir incessante das ondas e dos gelos

que se quebram de encontro ás costas do Finmark e da Islandia, são os sons da « posauna » e do mando guerreiro.

Mas tambem a santa, serena e melancolica suavidade da luz boreal, o encanto do Mclarn com suas ilhas e choupanas o canto singello das mulheres que amamentam no campo seus filhos, e a carreira aérea e pensativa da andorinha no céu do estio, são suas baladas, sua poesia nostalgica, seus suspitos—os brandos queixumes d'aquelles homens de musculos do urso branco dos gelos com alma de anjo e imaginação nascida em canteiros de flores variadas, embalando-se aos sons da harpa colica.

Essa poesia que nenhum livro descreve, esses sentimentos que não são narrados nem citados, como são bellos, como os exprimia bem Ole Bull com o arco magico sobre as cordas em noite nostalgica!

E' um genero opposto á poesia das montanhas e das terras do Brazil. Uma alma creada á parte, com pouca luz do sol, e muita melancolia!

(Continua).

A ESPIA

OU

O SEGREDO DOS CARBONARIOS.

por

FREDERIC SOULLIÉ

A historia que vai ser lida, aconteceu algum tempo depois da revolução de Nopoles de 1820 a 1821. Se alguns leitores advinharem os verdadeiros nomes das pessoas desta narração, pedimo-lhes que os não escrevam á margem do exemplar que cahir em suas mãos, como temos visto fazer muitas vezes em memorias ou historias contemporaneas, em que o author só pôz as iniciaes.

Era noite, huma noite bailhante e matizada de estrellas, huma branda viração; huma vaga languida, hum murmuro lento e infinito, e era em huma praia do mar de Napolis. Como focas adormecidas sobre a areia, huma duzia de homens estavam estendidos nella. Hum só estava em pé. Sem duvida vigiava por elles: mas vigiava tambem por outros, pois seu olhar se voltava com inquietação, ás vezes para terra, ás vezes para o mar; porém, nada apparecia em nenhuma das extremidades do horizonte, e este homem em pé era o unico ponto que no poço se oppunha aos olhos. De repente, entre as estrellas que bordavam o céu por cima do mar, apparece hum fogacho vermelho e sanguinolento,

que accende sobre as ondas hum longo trilho de reflexos, e em frente desse fôgacho, do lado de terra; quasi ao mesmo tempo, se desenha huma sombra negra e movediça. Hum suspiro de satisfação se escapa do peito do homem que vigiava, e hum dos que estãvao deitados lhe disse em voz baixa:

—He o escaler: não, senhor Sapaffa?

—He, respondeu este apontando para o mar: acolá está o escaler, e ali, acrescentou voltando-se para o lado de terra...

—O marquez, acrescentou o outro.

—Assim o creio, respondeu Spaffa.

A está palavra—o marquez—todos os que estãvao deitados se levantarão a um tempo, e buscarão penetrar com seus olhos avidos a escuridão da noite. A principio só distinguirão huma sombra sem forma, que se adiantava para o lugar em que se achãvao; mas, em breve se pôde conhecer que era hum grupo de algumas pessoas: por fim poderão ser contadas; erão tres.

—São elles, murmurarão muitas vozes.

E o senhor Spaffa, tendo levantado o chapéo ao ar, e tendo-lhe sido respondido este signal, adiantou-se para os que chegãvao. Teve, todavia, a cautela de se armar com huma pistola e um punhal; pôde ver-se que de ambas as partes se chegãvao com cautela. Em pouco os recém-chegados e Spaffa estãvao entre os que se levantarão á sua chegada. No mesmo instante hum escaler chegou á praia, hum manjebo saltou delle, e se aproximou ao grupo.

—Então, disse elle, já chegarão todos?

—Todos respondeu Spaffa; eis-aqui o marquez Faviani, a marqueza, e o honrado Jaffarino.

Ad nome da marqueza, o joven marinheiro se descobrio.

—Bem, respondeu este: visto que todos estão promptos, embarquemo-nos.

—Ainda não está tudo concluido, disse Spaffa; temos hum ultimo adeos que dar ao marquez.

—Andai de pressa, respondeu o marinheiro.

Huma pequena hesitação se mostrou entre o grupo; parecerão consultar-se em voz baixa; e o que primeiro fallára a Spaffa, lhe disse em tom zangado, e mostrando-lhe o marinheiro:

—Este inglez não pôde ser testemunha do que se vai passar.

Immediatamente Spaffa chamou o marinheiro em particular, e o levou a alguns passos do grupo.

—Senhor Henri, lhe disse elle, a Italia ainda não perdeu todas as suas esperanças de liberdade, bem que para sempre lhe faltem os seus melhores apoios, porque os que escapãvao á força devem morrer nas galés. Mas, ainda restão bastantes para tentar um novo esforço.

O marinheiro abanou a cabeça com ar de incredulidade. Spaffa acrescentou:

Não se deve julgar o futuro pela que tentamos. Napoles não teve coragem para sustentar o que comprehendeu, mas emprehendeu-o: acreditai-me, he muito para um povo esmagado pela escravidão. E de mais, a liberdade não pôde ser conquistada em hum dia. Parece-me que os Italianos estão em frente de seus mestres, como os Russos diante dos soldados de Carlos XII; he preciso que gastem muito sangue para aprender a liberdade, como os Rusos para aprender a guerra; mas elles a aprenderão; e eu vo-lo juro, os povos serão tão valentes contra a tyrannia, como os Russos o forão contra a conquista.

—Deos vos ouça! respondeu o marinheiro; mas não vos esqueçais de que o marquez he huma victima prometida, e que podem perseber-se de sua evasão.

—Jaffarino, o carcereiro devia tomar todas as cautelas necessarias, respondeu Spaffa.

—Assim o creio, respondeu sir Henri; mas Faviani deve estar a bordo de minha fragata antes de huma hora. Salvando hum proscripto politico em um navio do almirantado, certamente me comprometto, e o rei de Napoles terá direito de queixar-se com justiça.

—Não deveis dizer que o encontrastes no mar perdido em uma embarcação?

—Sem dvida, arranjaré esse conto bem ou mal; mas, para isso he preciso não esperar o alto dia, para chegar a bordo quando toda a equipagem estiver no convez.

—Pois bem, disse Spaffa, afastai-vos por alguns minutos; temos que confiar a Faviani o sogredo de nossas esperanças e as da Italia. Não vos offendais por esta precaução; he natural e justa em homens que tem soffrido tão odiosas traições. Será negocio de alguns minutos.

—Como quizerdes, respondeu sir Henri, que entrou logo no escaler, e se afastou da praia.

Logo que chegou a distancia que poderia ouvir o que se dizia, Spaffa fez signal aos homens que se chegasssem, e estes formãvao logo hum circulo em roda de Faviani e sua mulher que embrulhada em um capote, e coberta a cabeça com um véo, estava tremula junto de seu marido. Jaffarino se confundio entre os que formãvao o circulo; Spaffa ficou no centro, e foi elle, que fallou.

—Marquez de Faviani, disse, ha muito que Napoles contava contigo: tuas nobres idéas sobre a liberdade, teu desprezo dos favores da corte, tinhão chamado sobre ti os olhos dos homens de bem: teu valor illustrado em mais de huma occasião, tua immensa fortuna, e teu nome lhes fazião desejar o teu concurso para impôr á multidão que facilmente se deixa seduzir por exemplos vindos de alto; com tudo, tua extrema mocidade, tua alliança com as familias mais servis do reino, reinhão nossa confiança. A adopção que o meu bemfeitor, o conde de Pellico, fez de ti, dando-te sua filha, foi para nós a garantia mais formal de que tu eras digno de nos comprehender.

Neste momento a voz de Spaffa, grave e solemne ás primeiras palavras, se tornou quasi tremula, e ao mesmo tempo soluços mal comprimidos se escapãvao do peito da marqueza.

—Fiavilla, lhe disse docemente a seu marido, não chores assim; nós vingaremos.

—Deixa-a chorar, marquez, disse Spaffa. Depois, voltando-se para a joven senhora, acrescentou: chorai, e definihai-vos, senhora, por ter perdido o pai mais dignos das lagrimas de huma filha: posto que estejais entre homens que ligãvao sua vida a huma obra de sangue e vingança, aquelles que chorãvao nelle o mais o ardente e corajoso amigo da liberdade, comprehenderão vossa dôr. Os tyrannos o dependurãvao em huma forca, e derão seu corpo de pasto aos corvos; mas, não poderão cortar a vida secreta com que elle animou a Italia assim como mataráo; a sua não poderão dispersar o centro poderoso a que elle prendeu os seus fieis filhos como dispersarão seu cadaver; seu pensamento lhe sobrevive, e he a este que queremos associar aquelle, que elle escolheu por seu herdeiro.

Houve um movimento de silencio, em que todos os olhos ficaram fitos sobre a desgraçada Filavilla, Spaffa continuou, então!

(Continua.)

Sympathia.

(PAGINAS ROMANTICAS.)

Vivia em Pariz, em 1832, um mancebo chamado Heitor Lecomte, que o céu havia accumulado com todos os seus dons. Bonito, rico, de um caracter amavel, de maneiras elegantes; seu espirito, de tompera superior, era muito cultivado; mas o que o distinguia sobre tudo era uma força invencivel que o fazia caminhar como um santo pela senda da virtude, guiado, através dos perigos, tanto internos como externos, por principios fixos, que elle havia disposto como baliza em sua vida. Entretanto, com todas essas vantagens, Heitor não era feliz. Sem duvida vos admirareis: Como! direis, que lhe faltava pois?

--Eis ahi o que são juizos irreflectidos dos homens! Disse-vos eu acaso que Heitor tinha coração de bronze? Se eu tivesse acrescentado isso, razão terieis para admirar vos de que não fosse feliz. Mas, ah! bem longe estava elle de te-lo: tinha o coração mais terno e mais altivo que jámais conteve peito de homem: tinha a alma mais delicada e mais elevada que jámais fez voltar dous olhos pretos para o Céu. Era daquelles que habitam as ultimas summidades em que se confundem a realidade e o ideal, que são pouco numerosas e nunca contrahem más allianças.

Heitor Lecomte vivia em Pariz na melhor companhia. Como devia acontecer a um homem de sua fortuna, de seu talento e de seus gostos. Tomava sua parte nos classicos prazeres da capital, sem excesso, cumprindo um dever, e não deixando jámais suspeitar sua indifferença. Tinha muito bom senso para saber que se não devem desdenhar os prazeres em meio dos quaes vivemos; dançava no baile, applaudia no espetaculo e nunca bocejava quando uma mãe lhe fazia o elogio de sua filha; esta ultima condescendencia era tanto mais

meretoria, porque as mortificações deste genero eram frequentes e prolongadas. Assim Heitor era no mundo o que deve ser qualquer homem galante: obsequioso, discreto e não meditador. Mal haja quem medita nas companhias! Esse é o flagello dos prazeres! Faça-nos Deus a graça do riso nos logares em que nos reunimos para isso. Se eu acreditára agora em meu entusiasmo, faria aqui uma bella tirada contra os meditadores de salão, especie de Antonys ridiculos, cerebros cavados, que parecem ter posto toda sua ambição em parecer mortalmente aborrecidos. . . . Se elles soubessem como são enfadonhos! Mas passemos adiante.

Se Heitor não meditava nas companhias, indennisava-se amplamente em sua caza. No silencio de seu aposento, á hora em que Pariz se cala, encostava-se á sua secretaria de trabalho e levantando sua alma para o futuro, invocava imagens de que não tinha visto os modelos nas reuniões donde sahia; no meio desse povo de fantasmas escolhia uma, retinha-a em seu coração e votava-lhe seu amor, esse amor que nenhum ente criado havia ainda inspirado, que era nobre e solitario e que necessitava poesia para revelar-se! Então pegava em uma penna, escrevia versos em uma folha arrancada de seu album e quando acabava de traduzir sua meditação, atirava com a folha, sem tornal-a a ler, para dentro de uma gaveta, que fechava com chave.

O inverno de 1832 a 1833 passou-se assim e quando voltaram os bellos dias, as folhas do album estavam esgotadas. Heitor pensou então em relel-as e achou que tinha composto sem pensal-o uma serie de obras primorosas. Sua modesta não lhe prometteu a principio conhecel-o; mas tornando a lel-as e cotejando-as com as poesias de que tinha noticia, acabou por confessar que as suas valiam a pena de ser publicadas. Publicou-as. Em toda a França ouviu-se um brado de admiração; o céu da poesia contava uma estrella de mais. O livro de Heitor Lecomte passou os mares.

Faremos outro tanto. Vamos entreter-nos de uma personagem sem a qual não levariamos esta historia a bom fim.

Vivia então em Pondichery uma moça chamada Virginia Kohler, filha de um rico negociante allemão, estabelecido na India, e de uma hespanhola de Sevilha, morta havia alguns annos. Virginia reunia em si os caracteres distinctivos das duas nações, cujo sangue corria em suas veias. Tinha a elevação, a melancolia, o encanto profundo e suave de Allemanha: o fogo os contornos atrevidos, a complexão flexivel, o tom calido da Andaluzia. Seus cabellos eram castanhos, sua testa alva, como o mais puro alabastro, desenvolvida e cheia de pensamentos, suas sobrancelhas eram castanhas como seus cabellos, as pestanas pretas e compridas, seus olhos. . . . aqui me falta a pãtheta de Murillo e o pincel de Raphael. . . Isto vos parecerá um pouco subtil; e reflecti, e vos convencereis que é exactissimo; quero dizer que seus olhos eram de hespanhola, brilhantes como os de um anjo; sua duplicada origem havia produzido essa effusão sublime do que ha mais ardente na terra e de mais puro no ceu. Sua boca era como seus olhos. Que direi do resto? Nada mais se não que tinha um pé de sylphide, um pé de Andaluzia, emfim, leitor, faço muito boa idéa de vós para suppor que preciseis saber mais.

(Continúa.)

POESIA.

PAGINA INTIMA.

Já houve um tempo de venturas cheio
 Todo d'encanto, e delicias mil,
 Em que meu peito mil desejos tinha
 Cheio d'amor n'um delirar febril.

Então apenas do viver as flores
 Desabrochavão das paixões ao sol;
 Então sorria-me a ventura leda,
 Como a natura cores do arrebol.

Então amava de deidade uns olhos
 Que me cegavão--doce luz d'amor!
 Então fruía divinaes caricias
 Doces encantos da paixão no ardor

Então meus sonhos, povoados d'anjos
 Cheios de imagens, ledos de fulgor
 Me levavão da illusão nas azas
 Por ceos infundos cheio de langor

Mas desses gozos esgotei bem cedo
 O doce nectar do viver na taça:
 O mundo deu-me seu deserer, seus males
 Deu-me amarguras bem cruel desgraça.

Entre os tormentos em que vão meus dias
 E'meu alivio na tristeza agora
 Lembrar momentos d'um viver mais ledo
 Lembrar venturas que fruí outr'ora.

Elysio.

ANEDOCTA.

Contendendo um christão com um judeu sobre qual era o maior numero de Santos, se o da lei antiga-se o da lei da graça, apostaram, ajustando-se a que por cada Santo que alterнатivamente nomeassem, arrancariam um cabello da Barba. « Abrahão, começou o judeu, e logo arrancou um cabello da barba ao christão. --S. Pedro e S. Paulo, disse o christão, e arrancou deus cabellos da barba ao judeu. --Ostres menhues da fornatha, e arrancou tres cabellos. --Santa Ursula e as onze mil virgens, clamou então o christão: e lançando rapidamente as mãos aos grandes bigodes do judeu lhos deixou todos escorendo em sangue.

CHARADA.

Seu filho de Panélope, e entre os deuses
 Tocou-me, a pesar meu, baixo logar,
 E por isso não posso ao claro Olympo
 Subir, e entre os deuses me assontar. -- 1

Entre os genios notaveis, de que a Grecia
 Se orgulhou, fui outr'ora um palradôr;
 Compuz assaz de satyras mordazes,
 Em que do vicio fui duro censôr. -- 2

Certo o primeiro em mim entrada teve,
 Pois consagrado fui sem excepção
 A'quelles, cujo sangue era divino,
 De Horacio e de Virgilio em a nação.

* * *

Typographia Catharinense
 de Germano Antonio Maria Avelim. Rua Augusta
 N. 23. — 1862.